

05/02/2019 - 05:00

# Era Trump pode durar 30 anos, mas precisará dar resultados para continuar

Por **Gideon Rachman**

Quanto isto vai durar? Desde a dupla sublevação política de 2016 - as vitórias eleitorais do Brexit no Reino Unido e de Trump nos EUA - analistas discutem se essa é uma aberração temporária ou se é o início de uma nova era.

Esse processo ainda está no período inicial. Mas já parece provável que historiadores do futuro vão encarar os acontecimentos de 2016 como o marco de um novo ciclo da história internacional. A má notícia para liberais aflitos é que esses ciclos podem durar um bom tempo - 30 anos parece ser a média, mais ou menos.

Nos anos desde o Brexit+Trump, um movimento populista mundial ganhou impulso. O fato de Trump ser desprezado por boa parte do "establishment" e da mídia ocidentais pode obscurecer essa ideia. Mas o presidente dos EUA tem muitos admiradores, alguns dos quais comandam governos em várias partes do mundo.

Jair Bolsonaro, o novo presidente do Brasil, o maior país da América Latina, é um fã declarado de Trump. No Oriente Médio, os governos saudita e israelense preferem, em boa medida, Trump a Barack Obama, seu antecessor. Seu fã-clubes também alcança a Europa. Os governos de Polônia e Hungria estão mais próximos, ideologicamente, da Casa Branca de Trump do que da Comissão Europeia, em Bruxelas. Matteo Salvini, o vice-premiê da Itália (e a pessoa mais poderosa do país), também vê Trump como um modelo a ser seguido.

O show de horrores do Brexit fez com que haja poucos outros partidos populistas europeus atualmente em campanha para sair da União Europeia (UE). Mas o impulso anti-establishment que originou a vitória do Brexit ainda está ganhando forças na Europa. Encontrou expressão em formas diversificadas, que vão desde o movimento dos "gilets jaunes" (os coletes amarelos) na França até a ascensão do partido Alternativa para a Alemanha, que é agora a oposição oficial no Parlamento alemão.

Precedentes sugerem que, se uma "era populista" se instaurar, poderá durar nada menos que três décadas. Todos os esforços de periodização histórica são um pouco artificiais. Mas é possível identificar duas eras distintas na política ocidental do pós-guerra, ambas as quais duraram aproximadamente 30 anos. O período de 1945 a 1975, conhecido como "les trente glorieuses" na França, foi identificado como uma época de sólido crescimento da economia em todo o Ocidente, juntamente com a construção de Estados de bem-estar social e gestão de demanda keynesiana - políticas implementadas tendo como pano de fundo a Guerra Fria.

Em meados dos anos 70, esse modelo passou a enfrentar problemas no mundo anglo-americano, com o Reino Unido sofrendo de "estagnação" e o presidente dos EUA, Jimmy Carter, diagnosticando um "mal-estar" nacional nos EUA. Uma nova era (muitas vezes chamada de "neoliberal" por seus críticos) teve início em 1979, com a eleição de Margaret Thatcher no Reino Unido, seguida pela de Ronald Reagan nos EUA, em 1980.

Em retrospectiva, isso também era parte de uma guinada radical mundial. Em 1978, Deng Xiaoping subiu ao poder na China e deu início a uma política de "reforma e abertura" pautada pelo mercado. Além disso, o bloco comunista na Europa começou a rachar com a formação do sindicato Solidariedade na Polônia, em setembro de 1980. Despontavam os alicerces de uma economia capitalista globalizada.

Essa "era neoliberal" também durou aproximadamente 30 anos, até ser desacreditada pela crise financeira mundial de 2008. Como também ocorreu no fim dos "trente glorieuses", foram necessários alguns anos de incerteza para que um novo movimento ideológico surgisse. Mas isso ocorreu em 2016, com as vitórias eleitorais de Trump e do Brexit.

Mas por que os ciclos da história contemporânea duram aproximadamente 30 anos? Uma explicação possível é a de que ideologias bem-sucedidas e os movimentos políticos que elas geram passam por um ciclo de emulação seguido de excessos.

Se novos movimentos ou novos políticos desenvolvem uma aura de sucesso, encontram imitadores no mundo inteiro. Esse senso de onda ideológica cria então uma demanda de que as ideias originais que estão por trás do movimento sejam desenvolvidas mais profunda e mais rapidamente. E isso leva à fase de fracasso do ciclo, por seus excessos. Um exemplo do fracasso ideológico por excesso é a maneira pela qual a exigência de Reagan por redução dos impostos e da burocracia acabou levando à desregulamentação exagerada do sistema financeiro, que culminou na crise financeira.

O fato de que os partidos populistas e nacionalistas do mundo inteiro já estão seguindo o caminho de Trump sugere que o ciclo de emulação já está bem avançado. Atualmente é prática padrão para os políticos, como Viktor Orbán, na Hungria, bem como Salvini e Bolsonaro, imitar o manual de estratégia de Trump - de condenar o "globalismo", acusar a mídia de disseminar notícias falsas, ridicularizar o "politicamente correto" e desprezar as organizações internacionais que tentam administrar problemas como mudança climática ou o reassentamento do número de e refugiados.

A acelerada disseminação desse novo estilo político pode ser apenas o começo de uma nova era que se estenderia por décadas. Mas existe uma importante ressalva a essa ideia, a que os liberais aflitos deveriam se agarrar. Para que o período de emulação e de intensificação dure, o movimento populista precisa de mais do que sucesso eleitoral. Precisa também apontar para resultados no mundo real. Os "trente glorieuses" foram considerados gloriosos porque os padrões de vida se elevaram visivelmente em todo o Ocidente. No mesmo sentido, a era Reagan-Thatcher foi solidificada por um crescimento renovado da economia e pela vitória na Guerra Fria.

Já o Brexit enfrenta profundos problemas, e o governo Trump passa por dificuldades. Se os populistas não conseguirem gerar resultados palpáveis, a nova era deles poderá morrer ainda engatinhando.